

INDISCIPLINA ESCOLAR E ALGUNS FATORES

Regina Maria da Silva Porto¹

RESUMO: O artigo busca identificar os elos existentes entre o ato de aprender e as possibilidades de transformação social através da indisciplina escolar que vem crescendo em relação com os professores, com os colegas, a família que devido a esse problema que temos enfrentado no dia a dia chamado indisciplina escolar. Essa problemática tem levado muito alunos a não aprendizagem, a desistirem da escola, pois na maioria da parte alguns desistem da escola sem saber qual é a importância da escola em suas vidas. Sendo que a família tem um papel de grande importância é nela que as crianças formam sua personalidade e, é nela que os limites tendem a serem impostos e a rotina que eles devem seguir e na escola os docentes passam conhecimentos e as regras existentes na escola. Hoje o papel da escola é educar, impor limites e as regras estabelecidas, mas muitos alunos não sabem o que significa respeitar as regras da família e escola. Por isso que a escola não anda sozinha, precisa do apoio da família, professores e todos envolvidos no processo aprendizagem de forma direta ou indireta.

Palavras-chave: Família. Escola. Limites e Desinteresse.

ABSTRACT: The article seeks to identify the links between the act of the to learn and the possibilities of social transformation through the school indiscipline that has been growing in relation with teachers, with colleagues, the family that due to this problem that we have faced on a day to day basis. a day called school indiscipline. This problem has led many students to not learn, to drop out of school, because in most part some drop out of school without knowing what the importance of school in their lives is. Since the family has a very important role, it is in it that children form their personality, and it is in it that boundaries tend to be imposed and the routine that they must follow, and in school, teachers teach knowledge and rules that exist in school. Today the school's role is to educate, set boundaries and set rules, but many students do not know what it means to respect family and school rules. That is why the school is not alone, it needs the support of the family, teachers and everyone involved in the learning process directly or indirectly.

Keywords: Family. School. Limits and Disinterest.

¹ Mestranda em Ciências Sociais pela Faculdade Interamericana de Ciências Sociais. Asunción-PY.

INTRODUÇÃO

A indisciplina a infração ao regulamento interno proposto pelas normas escolares, é uma falta de civilidade e um ataque as boas maneiras. Mas a indisciplina é a manifestação de um conflito e ninguém está protegido de situações como essas principalmente no ambiente escolar, sendo que essa problemática aparece em todos os níveis de escolaridade.

Atualmente o aprendizado dos educandos e seu desempenho dentro da sala de aula, nos quais os motivos vão além dela como falta de limites, problema sócio cultural e da própria comunidade: saúde precária, tráfico de drogas, prostituição e falta de trabalho dentre outros. A indisciplina atualmente é tida como um dos problemas que tem atingido a educação de forma significativa e trazido muitas das vezes consequências irreversíveis.

Às vezes, ela representa a dificuldade do aluno para ser reconhecido no meio que está inserido, pode ser um modo pelo qual ele expressa os maus tratos que recebe problemas familiares.

Também pode ser expressão da crise econômica, das dívidas, do desemprego, dos pequenos espaços que, por desgraça ou nem ter um lugar adequado para morar. Resumindo as condições precárias e a falta de oportunidades de trabalho que vivem cada um dentro do seu contexto atual

Sendo que a violência que se produz dentro da escola é reflexa de uma sociedade injusta sem condições de melhoria de sobrevivência, do aumento da corrupção, da impunidade e da insegurança que cresce a cada dia, a violência doméstica seja através de agressão física ou de palavras ou atos, que refletem na escola através do seu comportamento.

O discente preciso de ajuda emocional, social e psicológica e muitas vezes sofrem bullying devido as condições de não aprenderem, não se comportarem e muitas das vezes por refletir o ambiente familiar no qual vive e a comunidade em entorno que vive.

“Paulo Freire (1996) fala que o educador deve conhecer o dia-a-dia do aluno, porque é nessa realidade que o aluno desenvolve seus instintos e desabrocha a indisciplina”.

“Aquino (1996, p. 96) “é impossível negar, a importância e o impacto que a educação familiar tem (do ponto de vista cognitivo, afetivo e moral) sobre o indivíduo.”

Então podemos dizer que a Educação começa em casa, sendo que a escola complementa com os conhecimentos cabíveis a ela de ensinar os alunos, porém na atualidade a escola além de ensinar tem que impor limites é difícil para professores da atualidade fazer os dois papéis, principalmente com uma clientela que não sabe ouvir, prestar atenção e obedecer regras.

1-O QUE É INDISCIPLINA ESCOLAR

O significado de in/disciplina escolar vai muito além do desrespeito e da falta de responsabilidade.

A indisciplina escolar manifesta com frequência no ambiente escolar de várias formas, verbal, através da desobediência das regras que são impostas pela escola. Lembrando que a escola na atualidade é muito abrangente quando se fala em indisciplina, pois cabe ao professor impor as regras, sendo que na maioria das vezes os mesmos não sabem lidar com situações de indisciplina.

E em minha trajetória como educadora há mais de 20 anos é algo que tem preocupado por que a cada década com as mudanças sociais e políticas a indisciplina vem de formas diferentes, por motivos diferentes sendo que a sociedade vai sendo modificada ao decorrer dos tempos.

“No capítulo Idealidade e delinquência, Foucault (1987), retoma o ritual do encarceramento o descrevendo como a passagem de uma arte de punição a outra, não menos científica que ela” (FOUCAULT, 1987, p. 215). Pode-se dizer que, mais importante que essa passagem, é a constituição de uma arte de gerir os *legalismos* que produz, simultaneamente, discursos que justificam a ação da polícia e a utilização desses grupos marginais de forma eficiente. Se a polícia, assim como a prisão mostraram-se, ineficazes para a eliminação do crime, a pergunta a ser posta não se refere às causas de seu fracasso, mas qual a sua utilidade para os dispositivos de saber-poder. Com certeza o problema maior que se é enfrentado com relação a delinquência e rebeldia

estão relacionados ao social e as ideologias das classes sociais nas quais os indivíduos estão inseridos.

Por isso que os valores e os limites a criança têm que aprender no contexto familiar, pois é nela que o indivíduo adquire educação e os comportamentos que serão utilizados na escola e na sociedade.

2-O PAPEL DA FAMÍLIA NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

A família é a célula mater da sociedade, como já foi citado é nela que a criança forma os alicerces da sua personalidade e cabe aos pais educar e impor regras, elaborando uma rotina cotidiana.

Tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas identidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que aproximam dessa instituição. A escola tem sua metodologia filosofia, no entanto ela necessita da família para concretizar seu projeto educativo. (PAROLIM, 2003, p. 99)

A escola e família têm que andar de mãos dadas para que ocorra o aprendizado do aluno para que ocorra um bom aprendizado da criança e um bom relacionamento com toda comunidade escolar, quando há esta junção escola/família o aluno sente se mais protegido e amparado por ambas instituições.

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois, muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se a uma divisão de responsabilidades [...] (PIAGET, 2007, p.50)

Já foi citada a importância da família/escola na vida acadêmica do discente, principalmente no bom relacionamento que a criança tem com o professor, isso ajuda o aluno a ter um bom desempenho escolar e não poderia deixar de fora que a família também pode dar a sua parcela de contribuição, elaborando horários para que os alunos estudem e façam a tarefa do seu cotidiano.

Quando existe uma família bem aplicada é óbvio que esse aluno jamais dará trabalho na escola, desbebendo a comunidade escolar e as regras impostas pela Escola.

“Oliveira (2005, p. 38) “Toda indisciplina tem uma causa e que a mesma não é simplesmente uma ação, mas uma reação, e que existem vários fatores determinantes da indisciplina, e um deles é a família.”

A família é a base de cada ser humano. É nela que aprendemos a nos comportar diante problemas e várias situações da vida.

3-A QUESTÃO DA AFETIVIDADE NO ENSINO APRENDIZAGEM

A afetividade, de acordo com Antunes (2006, p.5) é: “Um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções que provocam sentimentos, como raiva, amor, compaixão dentre as outras...”

A afetividade se encontra “escrita” na história genética da pessoa humana e deve-se a evolução biológica da espécie. “Como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, e essa necessidade se traduz em amor”. Devemos amar o trabalho que fazemos dentro da sala de aula e procurar ser melhor e fazer a diferença na vida dos alunos.

Do mesmo modo que Antunes reflete sobre a necessidade do amor, Maldonado (1994, p.39) aborda o medo e a desconfiança como fatores que dificultam o relacionamento interpessoal, assinalando que o amor pode estar escondido sob camadas de mágoa, medo, tristeza, ressentimento, decepção, vergonha e raiva. Em que:

Atitudes ríspidas, grosseiras e agressivas expressam, com frequência, a necessidade de formar uma carapuça protetora contra o medo de ser rejeitado, contra sentimentos de inadequação (“já que sou mesmo incompetente para tantas coisas, por aí eu me destaco”) e contra a dor do desamor (“ninguém gosta de mim mesmo, quero mais é explodir o mundo”) (MALDONADO, 1994, p.39)

Cada ser humano tem atitudes diferentes, diante os problemas enfrentados no dia a dia, uns são tranquilos, outros indiferentes e outros agressivos e arrogantes, isso irá depender da forma que é tratado na escola e na família.

Para evitarmos atitudes grotescas de alguns alunos temos que manter o diálogo constante e uma atitude de demonstração de amor e, é óbvio procurar amar o próximo, pois sem diálogo, amor, afeto e carinho tornam-se difícil controlar os problemas de comportamentos e até mesmo evitar que o aluno se torne rebelde.

“A escola tem um papel preponderante na contribuição do sujeito, tanto do ponto de vista de seu desenvolvimento pessoal e emocional, quanto da constituição da identidade, além de sua inscrição futura na sociedade”. (SYMANSKI, 2001, p 90)”. Sendo que um dos papéis fundamentais da escola é fazer com que o aluno encontre sua verdadeira identidade, para que se torne o profissional competente atuando na sociedade de forma harmônica e significativa.

O professor tem que ter um diálogo constante com seu aluno, agindo assim está desenvolvendo questões de afetividades. É através do diálogo que o aluno irá sentir-se valorizado e que não está a margem da sociedade.

“A autoridade fundada em relações de respeito mútuo e no prestígio obtido a partir da competência não necessita ser autoritária. Esse professor consegue estabelecer relações baseadas no diálogo, na confiança e nutrir uma afetividade que permite que os conflitos cotidianos da escola sejam solucionados de maneira democrática. (AQUINO, 1999, p.42)”. Quando se diz

em respeito, para mim é algo de extrema importância, pois sem esse item não há educação.

A afetividade permite que as brigas e discórdias que acontecem dentro da sala de aula sejam resolvidas de forma democrática e na base do respeito entre ambas as partes.

Tem que ter essa relação de afetividade entre professor-e aluno. Uma coisa que deixa o professor preocupado é a falta de interesse, de responsabilidade e respeito quando isso não existe o aluno está no auge da indisciplina e o professor vai tentar estratégias para que o aluno fique atento e interessado.

Não é fácil trabalhar numa turma com 30 alunos ou mais onde existe uma parcela significativa com problemas de indisciplina, pois o professor terá que passar os conteúdos estabelecidos nos planejamentos, ditar as regras e ainda manter uma postura de diálogo com os discentes.

A maioria dos desafios é enfrentada pelo professor e muitas das vezes sozinha, pois cada um cuida das suas funções na escola.

4 - A EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DOS VALORES MORAIS

O que é ética, ou moral, e como coloca-la nas escolas? Segundo Cabanas (1996), a questão central é de responder à pergunta: o que nos obriga a sermos bons? Ou seja, é a moral que nos permite buscar critérios para definimos o que é ser bom, correto ou moralmente certo e que nos fornece explicações para nosso senso de dever moral. A essa questão - o que me obriga a ser bom -, podem ser dadas respostas diferentes, ancoradas em diversas questões filosóficas ou ideológicas; e é quando a respondemos que encontramos valores morais.

Segundo Cabanas (1996), para algumas posições filosóficas, valores são os últimos critérios de definição de metas ou fins para as ações humanas e

não necessitam de explicações maiores além deles mesmos para assim existirem. Ou seja, devemos ser bons porque a bondade é um valor, honesto porque a honestidade é um valor, e assim por diante com outros valores como a solidariedade, a tolerância, a piedade, que tem um caráter natural, universal e o obrigatório em nossa cultura particular e em funções de certos momentos históricos, variando, portanto, de acordo com cada sociedade e período de sua existência. As ações humanas seriam assim avaliadas de acordo com os costumes locais; algo considerado errado ou injusto.

Metodologicamente, pode acontecer, também, postura como educar em valores. Há posturas doutrinárias, como tivemos no Brasil, durante a ditadura militar (1969 a 1986), as escolas possuíam as disciplinas Educação Moral e Cívica ou Estudos dos Problemas Brasileiros eram consideradas matérias específicas e por intermédio delas os professores especialistas deveriam passar certos valores assumidos como fundamentos. Essa doutrina tinha como objetivo melhorar as crianças de suas indisciplinas, assim controlar a “desordem social” que era vista como causadores dos maléficos da sociedade brasileira.

A Educação em valores nas escolas pode, no entanto se dar de forma oposta à maneira doutrinária. Cada professor e seus alunos podem ter posição diferente sobre o que é correto, justo, ou seja, sobre o que tem valor. Nesse caso, a escola não teria um código moral ou de valores declarado e assumido, e a adoção de valores seria questão individual, pessoal. Predomina o entendimento de que tudo é relativo e de que não há obrigatoriamente uma posição mais correta que outra.

Observações de certas práticas disciplinares nas escolas e das regras que os professores dispões aos alunos podem revelar uma grande diversidade de valores entre os mesmos e até incompatibilidades. Mas para enfrentar essa diversidade o professor tem que ter uma formação adequada para atender essa clientela, e que em seus planejamentos, a criança é o centro do currículo.

Na reflexão de Libâneo, o planejamento envolve um processo de reflexão, de decisões sobre a organização, o funcionamento e as propostas pedagógicas da instituição. Todo planejamento tem um caráter político-social.

Autores como Cabanas (1996), Buxarrais (1990,1997) e Martinez (1994) buscam apresentar uma outra posição sobre valores morais e educação moral ética, inspirada principalmente, nos ensinamentos de Piaget (1977). “Esse autor, estudando a construção da moralidade infantil, descobriu que o desenvolvimento das crianças mostra duas tendências basicamente opostas de moral: A “moral do dever”, heteronomia, e a “moral do bem”, ou autonomia, e que a segunda sucederia a primeira em condições normais de desenvolvimento. Na moral heterônoma, a criança segue as normas fixadas pelas autoridades que as rodeiam (pais, irmãos mais velhos, etc.) e as obedece por temor à perda de afeto ou ao castigo; é uma moral fruto de um tipo de relação social em que predomina o respeito unilateral e que Piaget chamou de coação. As educações doutrinárias fortaleceriam, para Piaget, essa moral heterônoma. Noutra extremo, e como resultado da formação na qual a criança pode ser cada vez mais livre de autoridade e capaz de construir normas entre iguais, surgiria a moral da autonomia por meio da qual o adolescente decide pelas normas que quer obedecer porque participou de sua construção e verificou os benefício que aquela norma pode ter para o seu grupo de companheiros.

Nesse contexto, os professores passam por uma formação prática para a moralidade. Como os PCNs agora buscam dispor, a ética torna-se um tema transversal a ser passados por todos os professores e nos mais variados espaços da escola: do currículo às relações pessoais dentro da escola e às salas de aulas. E a formação, seja de professores ou de alunos, tem que acontecer nas próprias práticas e vivências dentro da escola e nunca como matéria à parte.

Uma pessoa educada é a que assimilou que interiorizou, em suma, que aprendeu o conjunto de conceitos, explicações, habilidades, práticas e valores que caracterizam uma cultura determinada, sendo capaz de interagir de modo adaptado com o ambiente físico e social. (CALFEE, 2002). Com base na ideologia de Calfee, o cidadão para agregar na sociedade, tem como ponto um sistema educacional, que limita o seu comportamento maléfico para a sociedade, também, facilita ter uma visão de suas qualidades para o mercado de trabalho, tendo confiança e respeito. Pois, não só o convívio com a família

indicará a moralidade que a sociedade impõe, sendo assim, cabe que no sistema educacional, e que os educadores estejam separados para lidar com o comportamento do indivíduo, caracterizando nos grandes pensadores filosóficos e psicológicos, como também nas leis da LDB e PSNs.

Más valem lembrar-se da cultura herdada, que nela existe algum tipo de sistema de moral. O que isso pode acontecer? Moraes, 1997, apresentam o seguinte questionamento: A identificação de novos cenários leva-nos a compreender que somos cidadãos do mundo e que temos direitos de estamos suficientemente preparados para nós apossarmos de nossa realidade cultural, para que possamos participar do mundo, o que significa estarmos preparados para elaborar informações e que afetam nossas vidas como cidadãos e cidadãs. É importante ter uma formação moral ou ético. Cabendo o direito de estar suficientemente preparados, tanto, para enfrentar a vida diante da desmoralização, para projetar sua vida, estar na comunidade, e na capacitação de universalização, para isso o educador esteja na sua capacidade de entender e compreender as ciências como construções humanas, relacionando o desenvolvimento científico como a transformação da sociedade. Pois, valores são condições de possibilidade de um dialogo construtivo, pilares capazes de sustentar o edifício de uma sociedade autenticamente democrática.

CONCLUSÃO

Em suma a família é o primeiro contexto social da criança, contudo os traços que caracterizam a criança ao adolescente ao longo do seu desenvolvimento. A socialização começa no interior da família estendendo-se as instituições que contribuem para a socialização.

O professor além de passar os conteúdos tem que impor regras, que é de cunho familiar.

Se como educadores não tentar fazer a diferença, não poderemos ajudá-los na formação como ser humano, responsável e detentor do seu próprio conhecimento.

Os problemas enfrentados em sala de aula são: falta de atenção, falta de limites que os pais deveriam ser impostos pela família; desinteresse e desrespeito a todos da comunidade Escolar; sistema e a política Educacional não colabora dentre outros problemas.

Estar nesse caminho é preciso mais do que vontade, é preciso dedicação, amor e sobre tudo acreditar que plantando é que se colhe. Foi assim que durante o curso vários conhecimentos foram construídos, pois para ser educador é preciso construir, experimentar, é porque estamos sendo chamado para moldar a cidadania, esse chamado é admirável e visionário.

Enfim, trata-se de um chamado para ajudar a efetuar numa renovação e umas transformações pessoais, sociais e econômicas, através do ensino e da facilidade da aprendizagem e através de um papel educacional que não se restringe a lugares chamados de escola.

A maioria dos alunos não segue regras e nem limites dentro de casa, ou seja, deveriam seguir uma rotina a risca. Sendo que tem que haver uma relação mais aproximada, escola, comunidade e pais, quando a indisciplina chega fora do controle tem que haver ajuda de outros profissionais que contribuem na área sócia afetiva e educacional. A união faz a força e a diferença no trabalho pedagógico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANTUNES, Celso. **A afetividade na escola**: educando com firmeza. Londrina: Maxiprint, 2006.194p.

AQUINO, Júlio Groppa (**Org.**). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 14. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 9 – 24.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Apresentação dos Temas Transversais, Ética.vol. 10. Brasília: MEC/SEF,1997, 146pag.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à prática pedagógica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: Registros de uma experiência em processo**. Paz e Terra, RJ, 1984.

FULLAT. Octavi. **Filosofias da Educação**. Vozes, RJ, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir - história da violência nas prisões**. Tradução Raquel. 1975/1987, p. 161.)

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNIO, José Carlos. O professor e a construção de sua identidade profissional.In:____. **Organização e gestão da Escola**: teoria e prática. Goiânia: Alternativa:2001. p. 61-72.

OLIVEIRA, Maria Izet. **A indisciplina escolar:determinações, consequências e ações**. Brasília: líber livro, 2005.pg 38.

MALDONADO, Maria Tereza. **Aprendizagem e afetividade**. Revista de Educação AEC, v.23, n.91, p.37-44, 1994.

PAROLIN, Isabel. Professores formadores: **a relação entre a família, a escola**

a aprendizagem. Curitiba: Positivo, 2005.

PIAGET, Jean. **Para onde vai à educação.** Rio de Janeiro. José Olímpio, 2007.P.50.

SYMANSKI, Heloisa. **A relação família/escola: desafios e perspectivas.** Brasília: Plano, 2001. pg.90